



EDUCAÇÃO FÍSICA E QUALIDADE DE VIDA:

Reflexões e perspectivas

LUCIO MARQUES VIEIRA SOUZA
(Organizador)



EDUCAÇÃO FÍSICA E QUALIDADE DE VIDA:

Reflexões e perspectivas

LUCIO MARQUES VIEIRA SOUZA
(Organizador)

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Biológicas e da Saúde**

Profª Drª Aline Silva da Fonte Santa Rosa de Oliveira – Hospital Federal de Bonsucesso

Profª Drª Ana Beatriz Duarte Vieira – Universidade de Brasília

Profª Drª Ana Paula Peron – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás



Prof. Dr. Cirêno de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto
Prof^o Dr^a Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Prof^o Dr^a Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^o Dr^a Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Prof^o Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^o Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^o Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^o Dr^a Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Prof^o Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Aderval Aragão – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Prof^o Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^o Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^o Dr^a Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Maurilio Antonio Varavallo – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^o Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^o Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^o Dr^a Sheyla Mara Silva de Oliveira – Universidade do Estado do Pará
Prof^o Dr^a Suely Lopes de Azevedo – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Prof^o Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco



Educação física e qualidade de vida: reflexões e perspectivas

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Lucio Marques Vieira Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação física e qualidade de vida: reflexões e perspectivas / Organizador Lucio Marques Vieira Souza. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-0007-3
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.073222803>

1. Educação física. I. Souza, Lucio Marques Vieira (Organizador). II. Título.

CDD 613.7

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Apesar da pandemia da COVID-19 parecer ainda longe do fim, a ciência mesmo sendo questionada por pessoas civis e pelos próprios pesquisadores, terá na história um papel importante contra o maior caos sanitário de nossas épocas.

Neste sentido, é com imensa satisfação e responsabilidade que apresentamos mais uma importante Coletânea intitulada de “Educação Física e qualidade de vida_ Reflexões e perspectivas” que reúne 11 artigos com pesquisas científicas de vários pesquisadores das diversas regiões do nosso país.

Estruturada desta forma a obra demonstra a pluralidade acadêmica e científica da Educação Física, bem como a sua importância para a sociedade. Neste sentido, nos capítulos constam estudos de diversas temáticas contemplando assuntos de importante relevância dentro da área.

Agradecemos a Atena Editora que proporcionou que fosse real este momento e da mesma forma convidamos você Caro Leitor para embarcar na jornada fascinante rumo ao conhecimento.

Lucio Marques Vieira Souza

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

QUALIDADE DE VIDA DE ESTUDANTES DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Fabrcio Franklin do Nascimento

Simonete Pereira da Silva

Mariana de Oliveira Duarte

Naerton José Xavier Isidoro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0732228031>

CAPÍTULO 2..... 10

PRÁTICAS CORPORAIS LÚDICAS NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO IFMS: CAMPUS CAMPO GRANDE: POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS DE APRENDIZAGEM

Luís Eduardo Moraes Sinésio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0732228032>

CAPÍTULO 3..... 18

AS TESSITURAS DA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DAS TEIAS AOS EMARANHADOS DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Lorena Mota Catabriga

Catarina Messias Alves

Geovana Silva Sversute

Patric Paludett Flores

Vânia de Fátima Matias de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0732228033>

CAPÍTULO 4..... 31

ATIVIDADE FÍSICA E FATORES DE RISCO PARA O DESENVOLVIMENTO DE OBESIDADE E DOENÇAS CARDÍACAS EM ADOLESCENTES DA PARAÍBA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Allan Tavares Rolim

Lani geizy Ribeiro da Silva

Gertrudes Nunes de Melo

Raizabel Rodrigues

Ana Clara Cassimiro Nunes

Samara Celestino dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0732228034>

CAPÍTULO 5..... 42

DO NINGUÉM À ESPERANÇA: PODE O ESPORTE TORNAR-SE UMA POLÍTICA MUDANCISTA?

Renato Sampaio Sadi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0732228035>

CAPÍTULO 6..... 51

CAPOEIRA: O CORPO QUE GINGA E LUTA

André Dantas Marins

Soraia Chung Saura

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0732228036>

CAPÍTULO 7..... 68

LUTA CONTRA A DOPAGEM NO DESPORTO: O IMPACTO DOS PROGRAMAS EDUCATIVOS ANTIDOPAGEM DAS FEDERAÇÕES DESPORTIVAS

Túlia Martinó

Mário Teixeira

Maria Céu Machado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0732228037>

CAPÍTULO 8..... 88

O SEGREDO POR TRÁS DO ENVELHECIMENTO BIOLÓGICO

Carlos Eduardo Gomes Ferreira

Matheus Antonio Pereira Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0732228038>

CAPÍTULO 9..... 99

PERFIL DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA QUE ATUA NA ÁREA DE LUTAS NA CIDADE DE PORTO VELHO-RO

Fabiana Pereira de Oliveira

Gleysson Breno Façanha

Daniele Nunes de Mello

Mateus Lima Souza

Diego Monteiro Soares

Luís Felipe Sílio

Kaymann Scheidd Skroch

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0732228039>

CAPÍTULO 10..... 106

PERFIL SOCIOECONÔMICO E INTERESSE DA COMUNIDADE ACADÊMICA ÀS PRÁTICAS DE EXERCÍCIOS FÍSICOS NA ACADEMIA ESCOLA UNIVERSITÁRIA

Renan Magno Amaral dos Santos

Cristiano Padilha

Felipe Corbellini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.07322280310>

CAPÍTULO 11 118

POLÍTICAS PÚBLICAS DE DESPORTO NA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA

Tiago Miguel Neves Figueira

Vilde Gomes Menezes

Mário Rui Coelho Teixeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.07322280311>

SOBRE O ORGANIZADOR	155
ÍNDICE REMISSIVO.....	156

DO NINGUÉM À ESPERANÇA: PODE O ESPORTE TORNAR-SE UMA POLÍTICA MUDANCISTA?

Data de aceite: 01/03/2022

Renato Sampaio Sadi

Universidade Federal de São João del Rei,
Departamento das Ciências da Educação
Física e Saúde
São João del Rei, Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/9818211771012282>

RESUMO: Este artigo discute a política de esporte como possibilidade e qualidade de vida no Brasil. Apresenta a polêmica de um projeto mudancista para o setor e resgata, para isso, desde os sentidos antropológicos da ninguendade aos contornos políticos do tema. Como complemento teórico-metodológico extrai franjas do confinamento do indivíduo para situar os condicionantes e limites da ação coletiva. Nas considerações finais reordena os atalhos para um ensino de qualidade do esporte no país.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; política; educação física.

ABSTRACT: This article discusses sport policy as a possibility and quality of life in Brazil. It presents the controversy of a change project for the sector and rescues, for that, from the anthropological meanings of nobody to the political contours of the theme. As a theoretical-methodological complement, it extracts fringes from the confinement of the individual to situate the constraints and limits of collective action. In the final considerations, he reorders the shortcuts for a quality teaching of sport in the country.

KEYWORDS: Sport; politics; physical education.

INTRODUÇÃO

O esporte como pauta estratégica da política, existente apenas no papel, ou é restrito à círculos acadêmicos, profissionais e midiáticos, que se utilizam da compra e venda dos corpos de atletas, consumo de marcas e peças de marketing ou é utilizado como forma populista na política de massas, principalmente em tempos de eleições. Neste texto abordamos o seu contraditório: a ideia de plantar um projeto mudancista de esporte, como pilar educacional de fôlego e, com isso, permitir o desenvolvimento sustentável à sociedade e, ao indivíduo, brasileiro-ninguém, tornar-se sonhador, isto é, construir uma nova esperança, com elevada qualidade de vida.

Há uma ausência de identidade do brasileiro, que persegue a formação histórica e cultural do país; penetra nos sentidos e significados mais agudos do indivíduo e lança dúvidas sobre as possibilidades de mudança. De Darcy Ribeiro, a ideia de *ninguendade*, discute os sentidos antropológicos da formação social, entre eles o domínio e a subjugação racial. A ninguendade seria uma dupla negação sofrida pelos brasilíndios (e afro brasileiros), negados pelos pais portugueses que os viam como raça inferior e, ao mesmo tempo, negados pelas mães índias, vistas apenas como reprodutoras. O *ninguém*, fruto de processos de *desindianização* irá criar o mestiço. Posteriormente, o brasileiro

rompe com suas raízes e assume uma dupla consciência (no afã de ser alguém) = identidade dominador/dominado e a emergência da categoria *neoninguém*.¹

Continuamos a existir como ninguéns no país das maravilhas e das ganâncias. Extremamente desigual, o Brasil recria o ódio em variadas formas de comunicação e ação coletiva. Por entre classes sociais muito diferentes em termos de dinheiro e conhecimento, a questão da moralidade, desdobrada em características ou sentimentos morais, como culpa, raiva, inveja, constitui complemento de formação nas famílias de classes médias, inculcadas desde a infância, com pitadas de uma supremacia racial e econômica. Juntamente com a questão moral, a dimensão subjetiva/invisível do processo de formação e a dimensão factual do pertencimento/engajamento faz com que ocorra um compartilhamento de saberes e conhecimentos, dentro de uma mesma classe (amizades, casamentos, negócios, tudo facilitado pelo mesmo estilo de vida). Os determinantes históricos se somam à ideia do capital cultural reproduzido, mas, refém da burguesia e da classe média alta.

No Brasil, a instituição que influenciou todas as outras foi a escravidão. Como sistema econômico e social, o escravismo jamais existiu em Portugal. A escravidão, portanto, é brasileiríssima. É nossa verdadeira herança (...) A defesa do capital cultural prestigioso, complementa-se aqui, com o nível de renda que permite investimentos de alto retorno na educação e nas relações pessoais. Vínculos invisíveis, posto que, afetivos e aparentemente desinteressados, o que aumenta de modo exponencial, sua eficácia. (Souza, 2018, p. 74-130)

Algumas diferenças entre Portugal e Brasil exemplificam os rumos do desenvolvimento.² Por outro lado, nossas crenças são resultado de um lodo histórico que arrasta consigo as positivities e negatividades de um vir-a-ser desconhecido. O ponto de nova partida é, portanto, a aposta na esperança como contraponto da perspectiva da ninguendade ou do neoninguém. Acreditamos no que queremos sem, às vezes, saber, ao certo, o que, de fato queremos. Como ocorre, por exemplo, com o desenvolvimento de filhos e o que absorvem da crença dos pais e das pessoas mais próximas. Também é preciso perguntar o que liga as pessoas ao contexto mais imediato que vivem e o que passam a acreditar a partir disto?

A problemática do projeto mudancista para pensar o esporte busca o detalhe da formação (do professor e do treinador, do aluno e do jogador); conhece esta engrenagem e percebe as lacunas, assim como as oportunidades, mas, talvez, ainda não consiga saturar os conhecimentos relativos às classes sociais e o vazio da ninguendade. A hipótese aqui, é que somos conduzidos ao consumo supérfluo e arraigados ao status-quo impositivo e, isso, provavelmente, em razão da cascata de dependência a que estamos sujeitos. Desde

1 . Ver DA COSTA, Pedro Henrique Antunes; MENDES, Kíssila Teixeira. A eterna fuga da ninguendade: ofensiva do capital, identidade brasileira e produção de neoninguéns. *Revista Psicologia Política*, v. 20, n. 49, p. 476-489, 2020.

2 Diferenças entre Portugal e Brasil: Índice de Desenvolvimento Humano da Organização das Nações Unidas, Portugal = 0.864, posição 38 de 189; Brasil = 0.765, posição 84 de 189. Índice Global de Paz, Portugal = 1.267, posição 4/163; Brasil = 2.430, posição 128/163; Desemprego - Portugal = 6.4%; Brasil = 13.2 %; Salário Mínimo - Portugal = 770 Euros; Brasil = 170 Euros. Fonte: <https://pt.countryeconomy.com> Acesso, 15/11/2021.

os modelos econômicos retilíneos, conservadores, burocráticos e de *democracia de conveniência*, aos modelos pedagógicos igualmente petrificados e reproduzidos na família, na escola e no clube, provavelmente, a média dos brasileiros está atada à ausência de projeto mudancista, verdadeiramente inovador.

Se o desenvolvimento humano só é humano se *tornar os seres humanos mais humanos*, há muito o que ser feito. Podemos desenvolver e aperfeiçoar nossos ambientes e potenciais genéticos; podemos, igualmente, incrementar os desafios e formatar o mundo de intrincadas maneiras. A experiência bioecológica transita da criatividade, da continuidade e da mudança de características biopsicológicas por meio de sucessivas gerações para a multiplicidade de contextos e tempos que promovem ou prejudicam o desenvolvimento humano. (Bronfenbrenner, 2011)

Diante de uma gigantesca equação econômica contraditória, que envolve exclusões (e algumas inclusões) variadas, o resultado parece ser simples se se considera a neutralidade como metodologia, afinal a destituição da política como linguagem de mediação é indiretamente estimulada desde a tenra infância. Ao contrário, a política como fervura e tensão ideológica é capaz de ativar adormecências revolucionárias e manter o sonho das mudanças, vivo. Nesta balança, o equilíbrio do fazer da política contra ela mesmo deve ser meta do sujeito social. Transferindo-se para a ninguendade, a aposta em uma vida melhor para as próximas gerações, passa pela figura do ninguém, um ser humano que se conecta a outro. Tal régua, que mede a força da educação e as adjacências da formação, precisa medir também, a inserção de crianças e jovens na política, obviamente, em um amplo fazer da política, ou seja, suas ramificações na economia, na cultura, na família, na escola e no clube. Uma *economia política do esporte*, democrática desde a base, seria razoavelmente ousada e utópica.

APOIO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Quais são as principais vias de acesso à um projeto mudancista de esporte? Como tornar o esporte, uma ferramenta de potência formativa? Para responder estas questões é preciso politizar a própria política, ou seja, compreender profundidades dormentes. Arendt (2005) busca as possibilidades da política dentro das impossibilidades históricas que, muitas vezes são adiadas (as possibilidades) em nome, ou do acúmulo de forças ou de justificativas conservadoras, ou mesmo do próprio fim dos ciclos históricos.

A história tem muitos fins e muitos começos, sendo cada um dos seus fins um novo começo, e pondo cada um dos seus começos fim ao que existia até então. Além disso, podemos datar a nossa tradição com maior ou menor certeza, mas já não podemos datar a nossa história (...) O ponto que importa aqui é que se supõe que só as ações humanas possuem e tornam manifesta uma grandeza específica que lhes é peculiar, de tal maneira que nenhum fim, nenhum telos último, era necessário, ou podia ser sequer usado para as justificar. (Arendt, 2005, p. 41-3)

A história, em seu curso natural, é como a água que passa no rio; nunca será a mesma. Disso resulta que não podemos querer uma história diferente, a priori ou de forma imediata; ao contrário, não sabemos muito como manejar o futuro e portanto, necessitamos de várias mediações. Regredir à história, com a imposição de um telos, torna, a própria memória, tóxica. A toxicidade da política expressa um quê fazer sem sentido definido. Entre o buscar, o articular, o lutar, o alcançar e o conseguir de fato, os resultados e os diferentes caminhos políticos poderão ser perdidos na tradição e, ainda mais, na história. Para a autora, os homens não sabem o que fazem em relação aos outros; trata-se de um fazer separado do saber. O desejo de governar tem sido refém da popularidade e das glórias pelo status do poder. Isso resulta, na história (e Arendt elenca inúmeras experiências como a pólis grega, o império romano e a igreja cristã), em governos que acreditam que sabem e governados que aceitam fazer e não saber.

A burocracia é um meio para que tudo isso ocorra. É um mal necessário, favorável aos dominantes e à política, invariavelmente, desfavorável aos trabalhadores. Como uma máquina irracional a burocracia busca, freneticamente a racionalidade do sistema, mas não a encontra. Então, o sonho da sociedade sem classes do marxismo, já estaria morto à partida. Em função de um desgoverno da máquina burocrática não teríamos como administrar o espaço público, isto é, alguns de nós, as classes médias, por exemplo, teriam que fazer o trabalho sujo da burocracia. Em outras palavras, a manutenção de uma estrutura viciada em classes: a burguesia opera por comandos (hierarquia) ou simplesmente não opera; as classes médias pensam e executam e às classes populares sobra apenas, a execução sem pensar.

Pressupunha-se que a administração seria o não governo, mas de facto ela só pode ser o governo de ninguém, quer dizer, a burocracia, uma forma de governo em que ninguém assume responsabilidades. A burocracia é uma forma de governo da qual desapareceu o elemento pessoal da governação, e é igualmente verdade que esse governo poderá não governar no interesse de qualquer classe (...) O governo de ninguém governa muito efectivamente quando considerado do ponto de vista dos governados e, o que é pior, tem um importante traços em comum com o do tirano. (Arendt, 2005, p. 69)

O governo de ninguém não é a anarquia, mas, a não liberdade em uma sociedade burocrática, que diz ter buscado a liberdade. Neste ponto o pensamento arendtiano, considera que Marx realmente fez a defesa do interesse de classe. Mais: uma vez que a sociedade de classes tenha sido derrubada, tal interesse é de toda a humanidade. Resta uma categoria fundamental que continuará a fazer parte do motor da história, a categoria trabalho que, simplesmente é o *acontecimento sociológico decisivo da história*, indicando assim, a base fundamental, a produtividade necessária, o homo-faber para si.

De qualquer maneira, a política não resolve, imediatamente, as relações entre capital/trabalho, assim como não resolve os desejos de ascensão das classes sociais; tampouco é capaz de frear a ganância de enricados. O que a política pode resolver é

pouco diante da promessa política do enfrentamento à corrupção, prometendo com isso a sobra de recursos para os investimentos públicos de uma suposta qualidade. Este pouco da política é, todavia, o único instrumento que as classes populares têm para lutar (a favor e contra) as classes dominantes.

Mézsaros considera que, uma meta a ser buscada seria um formato de *democracia substantiva* que superasse a democracia representativa e, ao mesmo tempo, a democracia direta. Afirma que a única maneira de se alcançar esta façanha seria instituir uma forma de tomada de decisão sem a *recalcitrância*, fazendo com que os indivíduos sociais definam a lei para si mesmo de modo também a serem capazes de modificá-la de forma autônoma. O pensador avalia o direito e a lei; defende a ideia de que o domínio estatal, centrado na aplicação do aparato jurídico, como essência, é um conteúdo vazio e os partidários de tal premissa desconsideram a conotação de classe. Na visão do autor isso é tendencioso quando se pensa em ordem social. Na contramão dessa postura, encontramos o seguinte posicionamento

A ilegalidade do Estado, como afirmação necessária da *lei do mais forte* sob as circunstâncias historicamente mutáveis das determinações sempre auto legitimadoras, é inseparável da realidade do Estado como tal (...) As mentiras cínicas e ideologicamente embelezadas enunciadas em nome da “defesa da democracia” não devem ser confundidas com a própria realidade. (p. 58)

O *sentido ilegal e a lei do mais forte* implicam, portanto, na concepção de que o Estado deve ser superado, ou seja, não será um Estado forte e/ou democrático, a solução para os problemas da humanidade. Ao contrário, passará por produtores e consumidores livremente associados; não devemos criar pois, ilusões/mistificações em torno dele (Estado). Acrescentamos também que toda política social e/ou pública por mais elaborada que seja, além de insuficiente é paliativa – ameniza conflitos e não os resolve. Um Estado verdadeiramente democrático e conquistado pelas massas heterogêneas de trabalhadores, seria, na essência, uma meta utopia de pessoas dispostos a mudar as condições de vida e trabalho de sua classe social de origem. Como então, destravar a concepção de política social e/ou pública de esporte, com a ampliação numérica de interessados? Como fazer isso com filtros de desburocratização e democratização?

Por outro lado, não se pode desconsiderar o indivíduo e as altas cargas emocionais despejadas para dentro de seu eu. Quem conduz o esporte é o indivíduo de classe média. Sua responsabilidade é corporal, isto é, sensível ao ponto em que pode fazer disso, criatividade pulsante. Ocorre que o indivíduo está enclausurado no eu-ninguém, é um Zé ninguém que não vê potencial de mudança social, o máximo que enxerga é o centro do umbigo. O “Zé Ninguém” foi objeto de um ensaio reflexivo de Wilhelm Reich em 1946. Referindo-se a si próprio, Reich problematiza o indivíduo, sua luta interior, seus sofrimentos, sua fraqueza. Somos únicos como seres humanos, mas nem sempre apostamos em nós mesmos. O Zé ninguém é diferente dos grandes homens apenas no ponto da experiência,

do acúmulo de saberes. Todo homem que desenvolve seus potenciais foi, antes, um Zé Ninguém. “O grande homem é pois, aquele que reconhece quando e em que é pequeno. O homem pequeno é aquele que não reconhece a sua pequenez e teme reconhecê-la.” (p. 23)

Ao alojar-se dentro de nós, o Zé Ninguém é uma promessa: pode tanto tornar-se homem importante para si quanto o fracasso que o levará a continuar como ninguém, um doente que não sai da cama. O medo coletivo é que os muitos ninguéns tomem conta do futuro e paralisem o desenvolvimento.

Para os propósitos deste texto, a trajetória de muitos ninguéns nos traz hoje, conhecimento suficiente para apostar na esperança. Já abandonamos a sujeira do Zé Ninguém e sua paralisia emocional, estamos prontos para dar um passo adiante.

POR UM PROJETO MUDANCISTA DE ESPORTE

Entre os vários serviços, o custo-benefício do esporte como atividade física para todos, está entranhado no universo simbólico dos trabalhadores (e na sua impossibilidade de consumir plenamente); constitui uma das substâncias ativas para a regulação do trabalho com vistas à produtividade. Por custo-benefício compreende-se a relação complexa de dispêndio de energia geradora e promotora de um resultado chamado processo-produto. No caso do esporte envolve a teia complexa de saberes científicos, sua aplicabilidade e as oportunidades oferecidas tanto pelo Estado, como pelo mercado.

A pandemia e as águas turvas do atual mundo do trabalho marcam um tempo devastado, porém com um *fio de luz ao final do túnel mesmo capenga*; mantemos a esperança de por melhores dias no futuro. Nossa aposta é de caráter semi-utópico, ou seja, inclui a possibilidade concreta de fazer do esporte uma área cheia de sentidos e significados sem perder de vista os limites da política que atrapalham ou mesmo impossibilitam os avanços. Os anos de 2020 e 2021, certamente, foram tempos marcados por profundas crises nas diversas sociedades, principalmente nas classes populares, os considerados *de baixo*. Ficou claro para todos nós que despolitizar não pode ser um caminho produtivo. A negação da política está dentro de um processo de negacionismo que vem crescendo no mundo todo. Como se fosse possível retirar a política de cena e cada área tratar do seu umbigo. Como se fosse possível neutralizar as opiniões (tão diversas) e/ou naturalizar as diferenças ou desigualdades. Não é.

A política, ontem e hoje, reverbera na ação social mais imediata. Qualquer futuro passará por contornos de uma política, ainda refém de ódios, grandes e pequenas desavenças. Nossa primeira aposta, portanto, é a de que, será cada vez mais necessário, os professores/treinadores envolverem-se com a política. Em segundo lugar, é preciso compreender o que se passa para aparelhar-se em uma discussão sobre política. Em terceiro, como proferir palavras certas em horas certas. Várias são as entradas nestas conversas:

eleições, partidos, realizações, necessidades, construção de pautas de reivindicação, salário, jornada de trabalho, ideologia, economia e produção, etc. No caso da educação ainda temos os projetos, as avaliações e tantas outras questões que permeiam o debate. Para efeito didático a síntese dos estragos promovidos pela extrema direita nestes dois anos, inclui o reforço da ningüendade e o ataque à esperança. Na sequência, apresentamos um esboço sobre o futuro, ou seja, as chaves da perspectiva *mudancista*, sem se prender à determinismos, frases de efeito e receitas de bolo. A lógica da argumentação está situada em uma análise factual e, ao mesmo tempo, crítico-propositiva.

Ensinar esportes parece tarefa fácil, desprovida de planejamento e pesquisa. Na recente história da Educação Física é muito comum escutar opiniões sobre o *fazer por fazer*, ou seja, atividades soltas, sem significado, sem sistematização e organização e, às vezes, sem disciplina. Ao professor, cabe observar. Nesta lógica, o ensino dos esportes foi operado por meio do tradicionalismo, do tecnicismo e do escolanovismo em aliança com o *método do abandono*, da falsa liberdade, do fazer sem compromisso, do fazer solto, largado e não integrado. Muitos professores caíram na ilusão de que seriam reconhecidos e respeitados como treinadores esportivos. Seus alunos seriam os atletas em potencial para o país do sonho olímpico. Engendrou-se uma operação simbólica e ilusória, enquanto a pirâmide esportiva permanecia intacta.

Para traçar um mapa do ensino do esporte na escola (e nas escolinhas de esporte) é necessário utilizar ferramentas dialéticas. Mergulhados na cirurgia da arte docente, hipotecamos nossas energias na perspectiva de recriar o esporte como pedagogia, em uma seta mudancista. De um lado, os erros e êxitos, de outro, as perspectivas ou intenções de ruptura e, ao mesmo tempo, o *lavar as mãos, do rola bola*, que joga contra, isto é, que deslegitima a área.

O esporte (e seu componente educacional) é legítimo para todos e, a sua manifestação escolar, (assim como a oferta com máxima qualidade possível) deve integrar um projeto coletivo. Segue a pergunta: Como fazer isso? O estudo e a pesquisa da Escola de Tempo Integral e dos aspectos da integralidade da formação do docente e do alunado permitem avançar neste debate e indicar as principais pistas. Em 2012 lançamos uma proposta para a discussão estratégica do esporte, considerando os Jogos Olímpicos realizados em 2016 no Rio de Janeiro. (Sadi, 2012) A atualização desta proposta pressupõe reconhecer os gargalos de formação, assim como a pequenez da ningüendade. Será preciso reunir esforços de coletivos interessados no debate para que se possa avançar em direção à uma política de esporte verdadeiramente mudancista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de muitos anos, os professores preocuparam-se com o ordenamento legal, com o currículo, com o formalismo do esporte (e o apego às teias burocráticas),

com o conteúdo e a metodologia da cultura corporal, da história, da cultura esportiva entre outros temas. O esporte como pedagogia, era apenas um espaço destinado aos alunos de destaque das aulas de Educação Física. Reside aqui o primeiro questionamento: por que tal seletividade está impregnada na prática profissional? É evidente que as escolas necessitam de equipamentos, de materiais esportivos e de organização, administração e contribuição dos mais variados tipos. Também parece sensato que, queiramos ou não, o esporte é excludente no seu nascedouro e, portanto, os sentidos competitivos, permanecem excludentes. Na prática é possível fazer esforços para minimizar as exclusões, não para eliminá-las. Mesmo assim, uma qualidade social referenciada, ou seja, com bases teórico-políticas consistentes, é mais ampla do que isso: Pressupõe criatividade crítica por parte de quem ensina, arte na docência, conhecimento transversal, sensibilidade humana e intenção mudancista. Sem isso, a qualidade fica comprometida e o retorno ao ensino tradicional/tecnicista, quase sempre, é o caminho mais viável.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo C. Qual é o futuro do trabalho na Era Digital?. **Laborare**, v. 3, n. 4, p. 6-14, 2020.

BROFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Artmed Editora, 2011.

CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, Iône. O que é burnout. **Educação: carinho e trabalho**, v. 2, p. 237-254, 1999.

DA COSTA, Pedro Henrique Antunes; MENDES, Kíssila Teixeira. A eterna fuga da ninguentude: ofensiva do capital, identidade brasileira e produção de neoninguêns. **Revista Psicologia Política**, v. 20, n. 49, p. 476-489, 2020.

MÉSZÁROS, István. **A montanha que devemos conquistar: reflexões acerca do Estado**. Boitempo Editorial, 2015.

REICH, Wilhelm. **Escuta, Zé Ninguém!** Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1981.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Autores associados, 2018.

SADI, Renato Sampaio. **Pedagogia do Esporte: descobrindo novos caminhos**. São Paulo, Ícone, 2010.

_____. Projeto de formação de esportistas e atletas brasileiros com a perspectiva dos jogos olímpicos rio de janeiro 2016 e sua relação com a educação física e a base formativa de atletas. **Comunicação oral** apresentada no XIV Congresso de Educação Física e Ciências do Esporte dos Países de Língua Portuguesa, Belo Horizonte, 2012.

_____. **Pedagogia do Esporte: explorando os caminhos da formação permanente e da intervenção criativa em crianças e jovens esportistas.** São Paulo, Ícone, 2016.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive.** Editora Contracorrente, 2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Academia escola 106, 108

Acadêmicos 3, 21, 42, 100, 101, 104, 109

Adolescência 17, 31, 32, 33, 34, 38, 40

Ambiente 6, 25, 51, 54, 55, 57, 58, 64, 65, 100, 106, 110, 111, 112, 115, 128

Antidopagem 68, 82, 85, 86

Atividade física 8, 9, 10, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 47, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 107, 108, 110, 111, 113, 116, 117, 118, 119, 124, 125, 128, 129, 131, 133, 136, 140, 145, 147, 148, 151, 152, 153, 154, 155

Autarquias locais 118

B

Bacharel em Educação Física 100

C

Capoeira 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67

Corpo 7, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 51, 52, 53, 54, 61, 64, 65, 66, 101, 105, 109, 131

COVID-19 1, 2, 6, 8, 9, 28

D

Doenças cardíacas 31, 34

E

Educação básica 16, 18, 21, 27, 28, 29, 153

Educação Física 1, 2, 3, 5, 8, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 29, 30, 39, 40, 42, 48, 49, 51, 54, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 120, 126, 128, 151, 152, 153, 154, 155

Ensino Médio 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 101, 109, 111, 112

Envelhecimento 88, 89, 90, 91, 92, 95, 96, 98, 128, 129, 153

Esporte 15, 16, 17, 29, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 54, 55, 66, 99, 105, 116, 155

Estágio curricular supervisionado 18, 19, 21, 29, 30

Estudantes 1, 2, 3, 5, 8, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 105, 106, 109, 116, 153

Ética 21, 68, 103

Exercícios físicos 94, 96, 106, 107, 108, 110, 112, 114, 115

F

Federações desportivas 68, 69, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86

Fenomenologia 51

Formação inicial 18, 19, 20, 22, 27, 29, 30

Formação profissional 19, 26, 100

G

Gestão do Desporto 68, 118, 120, 132, 139, 149

J

Jogos tradicionais 51, 66, 146

L

Ludicidade 10, 11, 16

Lutas 11, 70, 71, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105

M

Medicina 8, 68, 117

Municípios 118, 119, 120, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

O

Obesidade 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 101, 107

P

Perfil dos praticantes 106, 117

Política 30, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 70, 118, 120, 124, 125, 126, 135, 136, 140, 141, 143, 144, 145, 147, 149, 150, 151, 152

Políticas desportivas 118, 119, 121, 124, 125, 135, 140, 149, 150

Práticas corporais 10, 11, 12, 13, 15, 52

Q

Qualidade de vida 1, 2, 8, 9, 38, 42, 88, 89, 93, 105, 106, 108, 110, 115, 116, 124, 128, 140

T

Telomerase 88, 89, 90, 93, 95, 97

Telômeros 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96



EDUCAÇÃO FÍSICA E QUALIDADE DE VIDA:

Reflexões e perspectivas

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



EDUCAÇÃO FÍSICA E QUALIDADE DE VIDA:

Reflexões e perspectivas